

“Invasoras” do Reino Unido: reenquadrando discursos de colonialidade nas vozes de mulheres negras brasileiras imigrantes

Katucha Bento¹

Resumo: A análise de conversa inspirada em Bakhtin permite explorar as formas em que o discurso hegemônico colonial *afeta* as experiências de imigração expressadas através da narrativa. O artigo se debruçará em uma conversa sobre a experiência de imigração no Reino Unido, centralizando a voz da mulher negra brasileira imigrante para explorar as múltiplas vozes (heteroglossia) presentes em sua narrativa. O foco é questionar a noção de “invasora” remetida à condição de imigrante no Reino Unido através da dinâmica relação com outras dimensões de vozes narrando colonialidade, agência e resistência. A presente análise se inspira no pensamento decolonial e feminista negro para entender opressões, hegemonia e negociação de poder nas interações sociais enfrentadas por imigrantes. O artigo finalmente aponta para a necessidade de considerar novos paradigmas para conceber estudos de imigração a partir de um prisma interseccional em que a diversidade étnica e racial estejam relacionadas às questões de gênero, classe e religião, ampliando esse matrix de acordo com os contextos e saberes locais.

Palavras-chave: Mulheres Negras, Imigração Brasileira, Discurso, Heteroglossia, Afeto.

¹ Doutoranda em Sociologia e Políticas Sociais pela Universidade de Leeds. Pesquisa emoções, imigração, feminismo negro e pensamento decolonial como bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Email: k.bento@leeds.ac.uk.

Abstract: The conversation analysis inspired by Bakhtin allows to explore the ways in which the colonial hegemonic discourse affects immigration experiences expressed through the narrative. This article will look at one conversation about the immigrant experience in the United Kingdom, centralizing the voice of immigrant black Brazilian woman to explore the multiple voices (heteroglossia) present in his narrative. The focus is to question the concept of “invader” addressed to immigrant status in the United Kingdom through the dynamic relationship with other dimensions of voices narrating coloniality, agency and resistance. This analysis is based on decolonial thought and black feminist studies to understand oppressions, hegemony and negotiation of power in social interactions faced by immigrants. The article finally points to the need to consider new paradigms to consider immigration studies from an intersectional approach in which the ethnic and racial diversity are related to gender, class, and religion, extending this matrix according to the contexts and situated knowledges.

Keywords: Black Women, Brazilian Immigration, Discourse, Heteroglossia, Affect.

Imigração: Um problema entre o Ocidente e o Resto

A discussão acadêmica em estudos críticos de raça e pensamento decolonial situam o Ocidente para além de uma questão geográfica, mas de uma posicionalidade de poder. Stuart Hall (1992) sugere que existe uma construção dividindo o “Ocidente e o Resto” (*The West and the Rest*), simbolizando a relação com colonialidade, civilização, desenvolvimento, imperialismo e hegemonia branca, masculina, cristã e eurocêntrica ocidental. A posicionalidade do poder ocidental é hegemônica eurocêntrica-moderna-colonialista-capitalista-patriarcal² e assume um paradigma universalista, neutro e objetivo (GROSFOGUEL, 2007). Esta perspectiva apresenta dois aspectos fundamentais deste artigo.

O primeiro é uma breve tentativa de localizar o *que é/quem é* o “resto”, visando localizar e considerar o conhecimento das participantes da pesquisa na presente produção acadêmica realizada. O oposto do Ocidente, do *self*, da norma seria o “resto”, a “outra” (*The Other* - aqui traduzido intencionalmente com o artigo feminino para generalizar a ideia de “*Othernes*” direcionada às pessoas imigrantes dando foco na condição de gênero que modifica e *afeta* suas experiências do dia a dia), justificando formas necessárias de dominação através de um discurso que nega a humanidade da “outra” não civilizado, colonizado, inferiorizado (MBEMBE, 2001). Sendo assim, o Ocidente representa o topo de uma hierarquia de poder normativo intimamente relacionado à construção da nação, modernidade e capitalismo. O segundo aspecto é expressar o local particular de onde a presente produção acadêmica fala (tanto da perspectiva da autora, quanto do conhecimento local compartilhado com participantes brasileiras, negras e imigrantes no Reino Unido). Centralizando a voz da mulher negra brasileira imigrante no Reino Unido³, procuramos explorar como os discursos afetam a experiência vivida de pessoas provenientes de países fora da Europa e do chamado *Commonwealth*⁴.

² Sobre poder hegemônico, ver Ramon Grosfoguel (2007) *The Epistemic Decolonial Turn: Beyond political-economy paradigms*. Sua conceitualização sobre o que é o poder hegemônico dá ênfase ao hífen nesta tradução, respeitando a indicação do autor em sugerir que não são adjetivos soltos, mas valores que formam um meio de estabelecer a norma e hierarquias. Grosfoguel prefere sempre explicar como entende o conceito de hegemonia, atribuindo as características que lhe torna peculiar: eurocêntrico-moderno-colonialista-capitalista-patriarcal. Sempre que a palavra “hegemonia” for utilizada neste artigo, respeita esta conceitualização/ classificação sobre o termo.

³ Apesar da pesquisa de campo ter sido realizada na Inglaterra, trabalharemos nesse artigo a noção mais ampla da identidade britânica como um todo dentro dos discursos de colonialidade. A tese desta pesquisa terá uma análise mais profunda sobre o significado nacional que constitui “*Britishness*” (identidade britânica) e “*Englishness*” (identidade inglesa).

⁴ Aqui consideramos a problemática referente aos países do leste Europeu e àqueles que estão esperando

Ao analisar os discursos situando conhecimentos locais, a referência de poder entre o “Ocidente e o Resto” se apresenta de forma mais complexa do que simples binarismos. Em primeiro lugar porque não se exime da questão geográfica tanto em relação à liberdade de movimento (imigração) quanto à problemática sobre a má distribuição de terras em países invadidos/colonizados acarretando até hoje em genocídios e injustiça social (sobretudo contra povos indígenas e negros, entre outras comunidades tradicionais vítimas do poder hegemônico colonial). Em segundo lugar, porque esse problema geográfico está alinhado com os valores hierárquicos coloniais que se reproduzem como parte “natural” (universal) nas instituições, práticas e discursos. Trata-se de uma naturalização de uma noção hierárquica do “Ocidente” reproduzida nas práticas, valores e discursos do “resto” do mundo, fazendo o tal “poder hegemônico” e a divisão entre “*O Ocidente e o Resto*” tomar dimensões dinâmicas em seus micro e macro contextos.

Nenhuma análise poderia se furtar de entender como a raça, gênero, sexualidade, origem (nacional ou local), religião e idioma se interseccionam para situar o conhecimento e impactar nas experiências vividas dos indivíduos. Se o poder hegemônico é interseccional por si, tornando norma o eurocêntrico-europeu (sobretudo do norte da Europa) *homem-branco/cristão-rico* (e preferencialmente bem sucedido, que são coisas diferentes na esfera da modernidade e capitalismo), este artigo fala a partir da “margem” e *sobre* a “margem” da mulher, negra, imigrante, que tem português como língua-mãe, latino-americana e brasileira (categorias que se encontram como referência geográfica, e se desencontram como referência de idioma e políticas de imigração em certos países europeus ora como privilégio, ora como desvantagem). Desta forma, procuramos entender a voz da mulher negra brasileira em seu projeto migratório no Reino Unido através de suas expressões e sentimentos sobre tal trajetória.

O tema das imigrações no Reino Unido tem uma maneira simbiótica entre os discursos do passado, os problemas atuais e predições futuras na forma em que se apresenta. O crescimento da imigração na Europa, a crise econômica que atinge países desenvolvidos e a nova onda dos que buscam asilos provenientes de países da Ásia,

a entrada na comunidade europeia. Assim como os países que fazem parte do chamado *Commonwealth* (comunidade formada, em sua maioria, de países que faziam parte da colônia britânica e hoje têm acordos comerciais, diplomáticos e legislativos). Os debates sobre imigração provenientes dessas diferentes localidades abririam um arcabouço para um debate mais amplo sobre imigração na Europa. Pretendemos chamar a atenção, neste caso, para o caso brasileiro como uma origem que é tanto fora da União Europeia quanto do *Commonwealth* como uma questão que coloca em evidência as categorias de raça, classe, nacionalidade como categorias que fundamentalmente fazem intersecção com acordos diplomáticos, processos de vistos e liberdade de ir e vir em evidência – em geral, dificultando esses processos e experiências.

África e Oriente Médio tem *afetado* o debate sobre imigração no Reino Unido. A chegada do imigrante (invasor) à nação representa “ameaça” à sua cultura, política e economia neoliberais, e reflete um debate atual sobre o fechamento das fronteiras com políticas mais rígidas para receber imigrantes e refugiados. Esse é o argumento central ao redor da recente chamada ao referendo que buscava decidir se a Grã Bretanha ficaria na União Europeia (UE) ou votaria pela saída, a chamada “*Brexit*” (*Britain exit*).

O contexto das preocupações sobre imigração no Reino Unido *afetam* as realidades, significados e percepções vividas de imigrantes. Isso levando em consideração que a interseccionalidade entre marcadores de diferença como raça, gênero, nacionalidade, classe, geração e idioma estabelece a forma em que se constitui a construção do significado local. Esses significados afetam e são afetados por discursos e práticas hegemônicas-britânicas. Este artigo pretende se debruçar nas narrativas de mulheres negras brasileiras no Reino Unido, levando em conta dois conceitos-chave para a presente análise: afeto e heteroglossia. Sendo assim, o artigo estará dividido em três partes: na primeira parte, a apresentação epistemológica referente ao afeto nas vozes sociais sobre imigração, focando a narrativa de mulheres negras brasileiras imigrantes; a segunda parte se dedica a apresentar o caso de narrativa de uma das participantes da pesquisa gerando uma análise da conversa sobre a situação da imigração e condição de ser imigrante e a terceira parte tenta esboçar considerações finais sobre a possível descolonização dos discursos e práticas na percepção e ação de (i)migrar.

Discursos Afetam: Centralizando a Narrativa Marginal

A noção sobre o que é o “Ocidente” inspira o presente artigo a se debruçar nos discursos de imigração no Reino Unido tendo como ponto de partida o entendimento de que o “ser” *mulher-negra-imigrante* é formado por multiplicidades de performatividades e interações que reconhecem o poder dessas mulheres (HOOKS, 1984). Isso não apenas se afasta de possíveis generalizações sobre percepções de imigrantes brasileiras negras, absolutismos e essencialismos “raciais”, como também nega a possibilidade de uma ciência positivista que, neste caso, não oferece ferramentas para a abordagem do presente artigo. Para tal, a pesquisa engajou-se em um debate sociológico fazendo uso de perspectivas decoloniais do feminismo negro para entender as narrativas sobre a vida cotidiana de imigrantes negras brasileiras. Tal pesquisa chega ao ponto deste artigo devido a uma etnografia feminista negra em ambientes culturais e de recreação brasileiras (centros de

capoeira, festas, cursos de samba e restaurantes típicos foram cenários fundamentais durante a pesquisa de campo) e conversas com participantes voluntárias (ainda em andamento), cujos dados foram anonimizados durante o processo de tratamento de dados para preservar suas identidades.

A análise de conversa é utilizada buscando explorar as emoções presentes nas experiências de imigração dessas mulheres. As emoções são evocadas na pesquisa como dimensões da realidade social. Emoções, neste caso, são uma questão de práticas sociais e culturais relacionadas às relações de poder (AHMED, 2004). Por este motivo, as emoções de mulheres negras brasileiras imigrantes no Reino Unido são relevantes no que tange à produção do significado. Ao mesmo tempo em que produzir significado é um processo particular – emocional – também está alinhado com os discursos coletivos que constroem, marcam, hierarquizam as diferenças, apontando *quem são* os “subalternos” (SPIVAK, 1988). Os discursos construídos revelam regimes de expressividade que possibilitam o entendimento do “resto” e das “outras”. Tratam-se de práticas de *afeto*. O discurso afeta a maneira de vivenciar, perceber e expressar as emoções. Ser a “outra” – esta sujeita não branca, originária do “resto” do mundo – no contexto “Ocidental” é parte da vida cotidiana com interseccionalidades que marcam o local das emoções como algo socialmente inferior.

De acordo com Sarah Ahmed (2004), as emoções ficam cristalizadas no campo do feminino, do “não branco”, da inferioridade na condição de humanidade. O afeto é percebido nessas narrativas como algo que circula, *afeta*; ou seja, interage com elementos externos (discursos nacionais/ nacionalistas, midiáticos, de outras imigrantes) e internos (suas experiências, emoções, percepções). Com isso, a intenção não é criar uma análise binária sobre afeto, mas entender múltiplas dimensões de como se manifesta, *afeta* e é reproduzido. Aqui, as mulheres imigrantes são sujeitos e objetos, significante e significado, mensageiras e receptoras das práticas e discursos hegemônicos de formas dinâmicas, sem cristalizações tanto na maneira como se percebem (em relação a si e às suas vivências) quanto nos discursos que *afetam* tais performances e identidades.

Afeto tem a habilidade inconsciente de afetar e sentir-se afetada dentro, com e através dos corpos, interagindo e ressoando uma com a outra. O afeto não pára nas limitações da pele (AHMED, 2004). É essa dinâmica que promove o intrínseco movimento inconsciente nas relações de poder (RODRIGUES, 2010). Sob esse entendimento afetivo, os discursos britânicos produzem significados, são incorporados (*embodiment*) nas formas de navegar pela experiência da imigração no Reino Unido e também se alimentam dos

discursos locais dos imigrantes – nem sempre com a intencionalidade de respeitar tais vozes, mas como uma nova roupagem de discursos hegemônicos. Afeto, então, permeia os discursos e as experiências vividas através do tempo e espaço, e na presente análise servem de ferramenta para recuperar argumentos nacionalistas britânicos referentes à imigração, à construção da “outra” e do “resto”.

Os discursos, então, tomam importância crucial na pesquisa, porque se expressam em diferentes tons, articulações, movimentos e práticas que vão além do dito e do idioma. Bakhtin (1981, 1986) sugere que existam no discurso múltiplas vozes engendradas nos diálogos. Tais vozes podem estar presentes na forma mais direta, na fala – uma maneira mais conservadora de perceber o discurso (BAKHTIN, 1981). O diálogo também conta com elementos dinâmicos presentes nas vozes sociais como os gestos, linguagem corporal, respiração, olhares, enfim, um universo de possibilidades incorporadas na diversidade de vozes discursivas. Tal plurivocidade é chamada de *heteroglossia* (Bakhtin, 1981). A pluralidade presente em uma única narrativa pode ser identificada em heteroglossia, ou seja, em sua relação com outras vozes sociais (discursos), afetando e sendo afetada através do tempo e do espaço. A referência dialógica *bakhtiniana* incorpora a noção de continuidade, ou seja, não se cristaliza apenas na palavra dita no momento de sua criação; continua a crescer e se desenvolver em diferentes tempos, espaços e formas. Dentro da análise de conversa inspirada em Mikhail Bakhtin, o afeto circula através dos discursos ganhando forma de acordo com os contextos e conhecimentos locais (HARAWAY, 1988).

Retomando vozes sociais sobre imigração do passado até os dias de hoje, a análise procura identificar aspectos afetivos de discursos eurocêntricos na narrativa de uma das participantes da pesquisa sobre suas experiências enquanto imigrante. A narrativa será entendida em relação a outras vozes, contornando e dando forma a novas possibilidades discursivas através do diálogo. É importante chamar a atenção para a diversidade de vozes sociais, individuais, línguas e linguagens que fundamentalmente compõe a heteroglossia presente nos diálogos.

A Voz e a Voz sobre Ser Imigrante

Utilizando a noção de que possam existir muitas vozes em um diálogo, para além das pessoas presentes na conversa, queremos aqui expressar que a heteroglossia nos discursos das mulheres negras imigrantes brasileiras tem em si sua agência, poder

e resistência, e ao mesmo tempo pode vir a refletir a imagem da hegemonia colonial eurocêntrica. A breve análise não pretende representar a percepção de todas as mulheres negras brasileiras imigrantes no Reino Unido, mas problematizar as possibilidades de reproduzir discursos dentro da própria ideia de agência e construção de si dessas mulheres. O primeiro exemplo disso pode ser visto através da fala da *Aline*, uma mulher de 30 anos, moradora de uma cidade localizada na região central da Inglaterra há 14 meses, originária de uma família de classe média do sudeste brasileiro. Como parte da conversa, perguntamos algum aspecto positivo sobre viver no Reino Unido, especialmente na cidade onde vive naquele momento da pesquisa. Aline tem dificuldades em lembrar ou expressar o que acredita ser positivo, tentando justificar isso através da sua posição enquanto imigrante no país. O trecho dessa conversa é o seguinte:

Katucha (K): Bom, vamos deixar essa parte do que é positivo de morar aqui?

Aline (A): é... eu ainda acho que eu tô descobrindo.

K: é... descobrindo... se adaptando...

A: é! Tem coisas que... É que nem eu tô te falando. Eu tô dentro de um parâmetro de que eu não tinha uma vida pra falar assim que eu achava tudo complicado no Brasil.

K: Uhum

A: Não. Meu pensamento não era assim.

K: Uhum, entendi. Entendi.

A: Outra coisa que eu também acho importante é aprender um idioma. Que eu acho super importante aprender um idioma. E isso eu acho válido, sabe? E também que eu acho eles assim, umas pessoas neutras assim, menos... Não mostram preconceito, acho assim. Mesmo a gente vê que eles SOFREM por alguns aspectos assim, sabe? De ver o país tão invadido pela imigração. Eu acho.

K: Hum

A: Porque eu não me sentiria confortável no Brasil... Olha que eu tô falando e eu sou a imigrante em outro país!

K: Aham. (sorrindo)

A: Mas eu não me sentiria tão confortável no Brasil sendo tão invadido por culturas tão diferentes da minha, sabe? Tomando conta às vezes. Modificando às vezes... A essência daquele lugar que eu nasci.

K: Entendi.

A: Então eles não esboçam nenhum sentimento contrário a isso eu acho...

K: Positivo...?

A: Positivo! Que eu não enfrentei nenhum tipo de preconceito aqui. Pelo contrário. Toda vez que eu falo que sou brasileira, enfim, eu sou muito bem sabe? Aceita... Muitos nem sabe que eu falo português, acham que eu falo espanhol.

K: ÉÉÉÉ... Verdade.

A: Isso eu acho uma ignorância.

K: É verdade. É ignorância mesmo.

A: Já vem com “hola”, “gracias”! Não... não é assim que eu falo no Brasil

K: Uhummm

A: Mas ok... Estão tentando ser agradáveis.

Aline constrói sua identificação como imigrante e a imagem dos imigrantes em geral presentes no território britânico. Iniciamos o trecho procurando saber se ela gostaria de deixar de lado o aparente desafio de encontrar coisas positivas em viver no Reino Unido. Entretanto, Aline se posiciona primeiro justificando sua dificuldade por se considerar recém chegada no país (linhas 2 a 6). Em seguida, Aline se reposiciona a respeito do que significaria “aprender um novo idioma” em seu projeto migratório (linha 10). Produzindo uma sequência reflexiva sobre sua condição de imigrante, em um primeiro momento, Aline sugere a intencionalidade em apontar algo positivo em sua experiência. O idioma pode criar muitas barreiras no que tange às experiências de imigrantes, por outro lado, Aline reposiciona a questão de tal barreira não como uma problemática do imigrante, mas do britânico: “a gente vê que eles sofrem” (linha 13).

Deslocando o foco de como ela se sente enquanto imigrante, Aline passa a focar em como o britânico reage com “neutralidade” ao ver o país ser “invadido pela imigração” (linha 14) – “invasores”, aprendendo um novo idioma. Aline negocia esse posicionamento frente à nossa silenciosa tentativa em entendê-la (“hum”, linha 16), focando novamente o discurso para si enquanto brasileira. O que chamamos de negociação é a forma em que ela procura traduzir para nós a sua reflexividade acerca do que ela acredita estar envolvido em uma questão positiva de ser imigrante no Reino Unido. A “neutralidade” e a ausência de preconceito por parte dos britânicos percebidos por Aline são significativos para construir os argumentos que seguem apontando para o que é positivo de viver no Reino Unido.

Sua narrativa logo volta para si enquanto brasileira, buscando uma certa empatia para reforçar seu posicionamento sobre como a imigração representa a “invasão” cultural que toma conta e modifica a “essência” daquele país (linhas 20-22). Em meio

a esta narrativa, ela se posiciona enquanto “a imigrante em outro país”, indicando sua autopercepção, reflexividade e intencionalidade em endereçar inclusive a ela, a categoria de ‘invasora’. Aline, mesmo achando positiva a tal “neutralidade” por nunca ter enfrentado nenhum tipo de preconceito por ser brasileira, tem uma visão crítica sobre como é recebida pelos britânicos. Apesar de dizer “ser bem aceita” (linhas 27-28), satiriza em tom de rechaço a ignorância cultural sobre o idioma falado no Brasil, mas volta a renegociar esse posicionamento, afinal, “estão tentando ser agradáveis” (linha 35).

Utilizamos o método de Shirley Tate (2005) para entender as contra-narrativas presentes no reposicionamento de Aline apresentados através da fala. Tate lança mão das teorias de Foucault e Bakhtin para trabalhar como a identidade está localizada no momento da narrativa. Trata-se de considerar o posicionamento situado, nesse caso, na interseccionalidade que forma as identidades das participantes imigrantes no Reino Unido e engajado em uma negociação de poder na esfera dos discursos sobre imigração. “Vejo declarações como falas que permitem a ações performáticas de posicionamentos de identidade. Assim, a declaração concebida em nível local da conversa simultaneamente fala e fala através discursos de identificação” (TATE, 2005, p. 40). No caso de Aline, sua fala ocupa sua posição enquanto imigrante, a posição do britânico, a posição da brasileira em seu país, formando enunciados de múltiplas vozes produzidas através de relações de poder. A forma da qual as falantes se articulam e aplicam os discursos de identificação para elas mesmas, ou para pessoas concretas, pessoas imaginadas e eventos (TATE, 2005) nos levam a explorar discursos de colonialidade e hegemonia incorporados no exemplo acima.

Aline começa falando sobre a questão positiva de aprender um novo idioma enquanto vivencia seu projeto migratório, mesmo que isso represente a “invasão” cultural no Reino Unido através de presenças como a sua (de imigrante). Sua fala se desenvolve de forma afetiva sobre como os sujeitos naturais daquele país poderiam perceber o sentido da invasão, terminando novamente com a problemática do idioma como a confusão que britânicos fazem na tentativa de saudar os brasileiros em espanhol. Aline absolve os britânicos pela ignorância e necessariamente coloca a aprendizagem do idioma como a condição de viver em um outro país. A ideia associada entre aprender o idioma e perceber-se invasora se alinha a discursos presentes atualmente no Reino Unido.

Um dos discursos que podem ser associados a essa noção de invasão parte do então Primeiro Ministro, David Cameron, direcionando ameaça às esposas dos imigrantes que, se não aprenderem inglês em cinco anos terão que voltar à sua terra natal

(MASON e SHERWOOD, 2016). Como noticiado nos meios de comunicação britânicos, o pronunciamento era direcionado sobretudo às mulheres muçulmanas como um plano de encorajar uma maior “integração” de tais indivíduos à sociedade britânica. Cameron não só aplasta a identidade de tais mulheres como “esposas dos imigrantes” (como se isso não as fizessem imigrantes ou se suas identidades estivessem acopladas às de seus maridos), como também reduz a categoria ‘religião muçulmana’ como necessariamente imigrante fora de um contexto nacional de onde poderiam ser provenientes, sugerindo que todos os muçulmanos, cuja nacionalidade desconhecida não importa, são imigrantes. Não trataremos neste artigo esses dois pontos, entretanto se faz necessário apontar que o posicionamento dos discursos hegemônicos britânicos constroem a “outra” como uma ameaça constante ao que seria a cultura, economia e política britânicas.

A heteroglossia aqui presente aponta que, através da voz de Aline, há uma segunda dimensão de vozes representando o peso dos valores britânicos. No que tange a questão do idioma como forma que vai além da aprendizagem de coisas novas, o idioma está incorporado no processo de “pertencimento” e “integração”, ora como ferramenta normativa, ora como ferramenta de validar experiências (linha 11), propiciar autonomia. Essa voz anuncia uma hierarquia linguística que propicia privilégios de comunicação, conhecimento que subalterniza a “outra” em um padrão de poder colonial (MINGOLO, 2000; QUIJUANO, 2000; GROSGOUEL, 2007). As medidas para ‘enviar os imigrantes de volta a seus países’ continuam a gerar debate no Reino Unido sobre o controle das fronteiras para evitar a entrada de imigrantes e refugiados: as “outras”. Políticos, instituições e burocratas tornam-se representantes – muitas vezes eleitos baixo o argumento hegemônico da identidade nacional – dos instrumentos que criam uma “aparência de controle” (MASSEY et al. 1998). Nessa mesma linha de voz onde que ecoam os valores britânicos, o controle e o poder hierárquico são representados simbolicamente nos discursos de tais representantes políticos.

O discurso vem como uma poderosa ferramenta de afeto na produção de identidade, neste caso britânica. Vron Ware, em seu livro “*Military Migrants*” (2014) fala sobre a habilidade do poder colonial representado pelo império britânico em comandar lealdade de seus inúmeros militares provenientes do mundo todo⁵. Ao longo da história,

⁵ Sobre a participação dos países do *Commonwealth* nas guerras das quais o Reino Unido tomou parte, ler Vron Ware (2014). A autora explica a fundo o caso das nações Caribenhas formando parte de um batalhão negro desde 1793 –conhecidos como “*slaves in red coats*” (escravos em casacos vermelhos) – que, mesmo sob a falsa promessa da abolição até tempos recentes, em troca dos serviços militares, era prometido desde a abolição na época da escravatura (fato que nem sempre ocorria) e em outros momentos da história, a na-

o Reino Unido forneceu à nacionalidade britânica (para alguns d’) àqueles que prestavam serviços militares. Além disso, no período pós guerra na metade do século XX, o Reino Unido recrutou imigrantes provenientes dos países do *Commonwealth* para cobrir vagas de trabalho, dando passaportes britânicos aos novos imigrantes. Estes, ao chegarem de barco em 1948, escutam no rádio a seguinte declaração do Secretário Colonial (*colonial secretary*), Arthur Creech Jones: “*Essas pessoas têm passaportes britânicos e deve ser autorizados a desembarcar*”. Mas adicionou: “*Não se preocupem, eles não vão durar um verão na Inglaterra*” (PALMER, 2012, p.50). Tal discurso hegemônico colonial faz parte do que delinea a noção de “invasão” dada pela Aline. Há uma rede de afetividade sobre a construção da identidade e dos valores nacionais que circulam junto com os discursos, impactando narrativas seculares, enraizadas na colonialidade.

As narrativas apresentadas estão selecionadas de forma que também são subjetivas, mas relacionadas com formas de opressões que circulam no imaginário do que significa a identidade britânica. Em uma mais recente discussão acerca do referendo que decidiu dia 23 de junho de 2016 pela saída do Reino Unido da União Europeia, imigração foi (e ainda é) um dos temas-chaves do debate. A campanha que justifica o referendo revela diversas facetas sobre a xenofobia e racismo através de discursos de ódio. Dia 16 de junho, um semana antes do referendo, Jo Cox, deputada do Parlamento (*Member of Parliament – MP*) pelo Partido Trabalhista, foi assassinada em Leeds, na região de Yorkshire, a facadas e tiros por um homem branco, britânico, morador da redondeza onde cometeu o crime. O assassino de Cox defende a “liberdade britânica”, com seu posicionamento evidente de sair da União Europeia, apontando a deputada como “traidora” (*BBC News*, 2016). Jo Cox defendia publicamente a imigração e asilo de refugiados sírios no Reino Unido. Dias antes do assassinato, Cox publicou um artigo defendendo a permanência do Reino Unido na União Europeia apoiando-se em argumentos sobre saúde, economia, mas sobretudo imigração (COX, 2016). Este evento se costura nas históricas dimensões das plurivocidades hegemônicas e posicionamentos tidos como “ocidentais”. Como dito anteriormente, é um discurso naturalizado nos valores e, portanto, *afeta* a vivência de imigrantes e se incorpora na noção de ser a “outra”, nas experiências e narrativas sobre o próprio projeto migratório.

Dentro desta dimensão de vozes coloniais há outras esferas e interconexões

cionalidade britânica. Na década de 40 a imigração Caribenha, por conta destes fatores, se tornou bastante comum em direção ao Reino Unido, trazendo à tona mais uma vez a relação de raça, classe e nacionalidade para o contexto da imigração.

históricas, políticas, sociais e culturais apontada por Quijano (2000) como o ‘padrão de poder colonial’ que significa o resultado de um processo estrutural de conquista, violência e exploração iniciado dentro da Europa (DUSSEL 1995, 2008a, 2008b). Seria ingênuo afirmar que tais discursos hegemônicos sobre imigração não estão relacionados à opressão do povo trabalhador europeu. Isso não significa que se trata da mesma forma de oprimir, mas colocar em perspectivas que os vultos que o discurso de dominação, conquista e escravidão tomaram durante a colonização partiram de “dentro de casa”⁶. Por este motivo, é importante considerar que os grupos subalternos dentro do Reino Unido também foram sistematicamente explorados, violentados, invisibilizados. A classe trabalhadora foi alvo de retaliação política, de direitos e invisibilidade históricas.

As dinâmicas sociais que encurralam os trabalhadores em um sistema colonial tomam proporções maiores quando reproduzidas contra ao “Resto” do mundo, mas como um ciclo, tenta justificar a falsa sensação desta classe subalterna em apoiar discursos e práticas da direita conservadora com campanhas xenófobas, como “*eles [imigrantes] chegam aqui para roubar os nossos trabalhos*”, ou no mais recente debate sobre *Brexit* visando “tomar de volta o país” (*taking our country back*). Esses discursos *afetam* a experiência e o sentimento de pertencimento de um estado-nação com sinais que se materializam em vivências, e conseqüentemente, na construção da “outra” (AHMED, 2004). Isso coloca em uma nova perspectiva a divisão entre “Ocidente e o Resto”, indicando a posicionalidade de poder em esferas dinâmicas e múltiplas onde dentro do próprio Ocidente, existem “Restos”, que farão de “outras” um novo “resto” (uma metáfora às bonecas russas, matrioscas, que dentro de si existem esferas menores de uma mesma forma, cujo núcleo seria a noção de colonialidade que é utilizada neste artigo).

Ser invasora é, então, parte do imaginário social daquilo que não é britânico, como um objeto ameaçador que toma conta da essência do lugar onde se nasceu (linhas 21 e 22). Sarah Ahmed (2004) se utiliza de análise de discursos para entender a dinâmica política das emoções no que tange a definição do que está dentro e fora do estado-nação. Segundo a autora, a negociação de limites entre “*self*” e a “outra”, e entre comunidades, indicam que a “outra” entra na esfera do estado-nação como uma ameaça (AHMED, 2004). A qualidade de invasora representa uma ameaça contra os valores e princípios

⁶ Sobre o processo histórico de construção da ideologia colonial a partir da conquista de Andalucia, na Espanha contra judeus e muçulmanos, queimadas de mulheres vivas acusadas de bruxaria e divisão entre ciência e religião como mecanismos de controle são entendidos como parte do momento histórico prévio ao modelo de colonização portuguesa e espanhola iniciadas em 1492. Ver mais em Grosfoguel (2007), Dussel (1995).

hegemônicos do que hoje se entende por Reino Unido. A afetividade ao redor do “padrão de poder colonial” (QUIJUANO, 2000) aponta essa dimensão de voz que representa o controle e o “Ocidente”, inferioriza e reprime a “outra”, subalterna.

Nesta parte da heteroglossia, ou seja, da multiplicidade de vozes presentes na narrativa de Aline, está incorporada a interseccionalidade vista como “natural” e “normal” enunciada através das vozes de homens europeus, eurocêtricos, brancos, cristãos, com a língua inglesa como primeiro idioma. Entretanto, esta é apenas uma dimensão da heteroglossia que pretendemos desdobrar apontando as duas subdimensões do discurso colonial: uma subdimensão seria o discurso institucional colonial e as práticas coloniais que afetam a classe subalterna local interligadas com uma maior proporção de violência contra o subalterno classificado como “outra”, originária do “Resto” do mundo. Existe uma dimensão crítica sobre esse discurso que se move um passo à frente sobre as declarações de posicionalidade no processo da conversa e fornece um entendimento mais amplo sobre a formação do discurso que permite à falante fazer uma declaração (TATE, 2005).

A segunda dimensão de vozes no discurso de Aline contribui para entender a complexidade da heteroglossia, dando forma às performances de posicionamento expressados na narrativa da participante. A formação do discurso que permite que Aline faça declarações são múltiplas e contínuas, entretanto, neste artigo pretendemos explorar uma dimensão a mais, que está vinculada à agência e produção de conhecimento marginal. A forma em que a participante reflete criticamente sobre a sua construção de si faz emergir uma versão discursiva que desestabiliza a relação de poder hegemônica. Nesta conversa em particular, Aline fala sobre si engajada na negociação sobre sua identidade enquanto mulher, negra, brasileira, imigrante, aprendendo o idioma e cultura inglesas e britânicas.

A declaração de Aline faz emergir o que Audre Lorde (1984) considera como posicionalidade: nós não falamos a partir da nossa diferença humana, mas do desvio humano. Falar a partir do desvio implica reconhecer as diferenças de sermos mulheres negras brasileiras imigrantes como uma continuação do modelo de dominante-subordinado presente nas relações humanas. Por um lado, como já apontado, essa diferença é um desvio, uma ameaça, uma invasão. Por outro lado, a forma em que tal diferença *afeta* a vivência da mulher negra brasileira imigrante, a Aline, faz parte do universo que ela se apropria, percebe e negocia tal opressão endereçada a ela. Desta vez, não enquanto a “outra”, mas enquanto Aline, agente de seu plano imigratório no que tange como experiência, interpreta e vive o que a *afeta*.

Dentro da reprodução de um discurso dominante, também emerge o que se poderia

chamar ‘agência’⁷. Ou seja, a negociação de poder que ela estabelece para tomar decisões em seu projeto migratório, os elementos que rechaça/nega da cultura britânica, a forma da qual qualifica o conhecimento dos britânicos como inferior, ignorante em relação ao que sabem sobre a língua/cultura brasileira. Nessa esfera de ‘agência’ também está presente a forma da qual Aline tem domínio sobre o seu sentimento de ser “invasora”, pois apesar da fala ter incorporado elementos da colonialidade, a forma que isso a afeta é só dela, experienciado e negociado por ela. Em relação a outros momentos da conversa, Aline aponta negativamente a qualidade e o preço da comida no Reino Unido, sugerindo que o que é barato ela não quer e não gosta de comer. A forma pela qual aponta as limitações da qualidade de vida oferecida no país e faz alusão à ignorância do povo britânico mostra que Aline não está interessada em ‘acolher’ tudo o que o país tem a oferecer como resposta e resistência à sensação de seu ‘acolhimento’, que a faz sentir-se invasora.

A dinâmica de como os outros imprimem em nós o imaginário da “outra” e de como negociamos nossas próprias identidades faz com que comecemos a tecer a noção de quem faz parte do coletivo. A incorporação de poder através das vozes de mulheres negras brasileiras imigrantes permite explorar, através da margem, novos prismas de entendimento sobre representação, noções de injustiças sociais e processos de como a vida cotidiana se estabelece. Parafraseando Patricia Hill Collins (1991), sem a carga afetiva e emotiva de Aline sobre a sua condição como imigrante no Reino Unido, sua noção de “imigrantes invasores” não teria sentido. O afeto importa, enquadrando as opressões e resistências dessas mulheres, moldando os contornos de suas vidas, múltiplas percepções, consciências e construções de suas vozes em novas heteroglossias.

Considerações Finais

Este artigo procura abrir vias para novas análises sobre as experiências de imigração. Primeiro, providencia uma abordagem sobre estudos de imigração que considera o afeto como parte dos discursos e práticas que refletem em ideias e experiências de imigrantes. Segundo, centraliza principalmente em como o poder hegemônico é articulado através da perspectiva colonial do “Ocidente” e negociado a partir da agência e resistência de mulheres negras brasileiras imigrantes. Desta forma, o artigo também

⁷ Agência aqui utilizamos em aspas duvidando da possibilidade de agência dentro da política de afetos coloniais que reproduzem formas de oprimir, hierarquizar. Ao mesmo tempo, as aspas estão indicando um desconforto em relação a tais políticas, com negociação de poder vindos de grupos invisibilizados e marginalizados, como as participantes desta pesquisa.

desafia em diferentes formas as noções fixas binárias embarcando em noções do que constitui a interseccionalidade para entender múltiplas vozes na análise sobre opressões nas interações sociais enfrentadas por imigrantes.

O artigo aponta para três considerações: (1) a necessidade de entender a dinâmica de poder sobre o “Ocidente e o Resto” de forma dinâmica e múltipla que permite explorar as possíveis interseccionalidades das identidades e localizar experiências centrais e marginais dentro de tais contextos. (2) Compreender a narrativa marginal como parte de uma plurivocidade (heteroglossia) que afeta e é afetada por diferentes dimensões de vozes que podem apontar tanto para discursos hegemônicos, quanto para discursos de resistência. Afastando-se de binarismos é possível notar a relação que a narrativa marginal estabelece com os padrões de poder colonial, dando vazão a uma posicionalidade complexa e permitindo novas construções de saberes locais. (3) Entender que a “invasora”, a “outra” é também detentora de poder e agência, evitando reconstruir percepções sobre o imigrante a partir do legado da colonialidade que cria fronteiras de pertencimento de um estado-nação, questionando os limites do poder hegemônico colonial na construção de suas multi-facetadas identidades interseccionais. O ato de “invadir” espaços hegemônicos do discursos aos países, da margem ao centro, permite arejar as formas de negociar as relações de poder e, quem sabe deixar de nos considerar “invasoras”, mas resistentes ocupando nossos e novos lugares. Afinal, a mais significativa forma de poder que a subalterna tem é a recusa de aceitar as definições sobre si mesma dada por aqueles que detém o poder hegemônico (HOOKS, 1984).

Para concluir por ora, já que a pesquisa continua em andamento, evocamos as demandas de Stephen Castles, Hein De Hass e Mark J. Miller (2014) na última edição do livro *“The Age of Migration”* sobre os aspectos fundamentais que desafiam a imigração global. Os autores apontam como um dos cinco debates centrais de imigração o “papel da diversidade étnica na mudança social e cultural, e as consequências para o estado-nação” (CASTLES, MILLER, DE HASS, 2014, p. 318). Utilizando essa demanda de abordagem é possível que o futuro da pesquisa sobre imigração precise considerar novos paradigmas para conceber estados-nação a partir de um prisma interseccional em que a diversidade étnica esteja relacionada às questões de gênero, classe, religião, ampliando esse *matrix* de acordo com os contextos e saberes locais. A urgência desta abordagem de pesquisa se mostra nas novas dinâmicas do contexto europeu após o referendo do *Brexit*, provando que a noção de Estado-nação pode estar ameaçada pela própria insistência em se manter hegemônica. Desta forma, essa demanda se alinha à perspectiva de Ramon Grosfoguel,

Laura Oso e Anastasia Christou (2014), pois não se trata de uma chamada para uma noção ingênua de celebração das vozes dos grupos oprimidos, mas para um estudo crítico de conhecimento produzido da margem, das “outras”.

Bibliografia:

AHMED, Sarah (2004). *The cultural politics of emotion*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich (1981). *The dialogic imagination: four essays*. Texas: University of Texas Press.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich (1986). *Speech Genres and Other Late Essays*. Texas: University of Texas Press.

BBC News (2016). *Jo Cox MP death: Thomas Mair in court on murder charge*. <http://www.bbc.co.uk/news/uk-36567005> (consultado em 18/06/2016).

CASTLES Stephen, MILLER, Mark J. & DE HAAS, Hein (2014). *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World* (5th ed.). Basingstoke: Palgrave MacMillan.

COLLINS, Patricia Hill (1991). *Black feminist thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment*. New York; London: Routledge.

COX, Jo (2016). Brexit is not the answer to UK immigration concerns. In: *PoliticsHome*. <https://www.politicshome.com/news/uk/home-affairs/immigration/opinion/house-commons/76053/jo-cox-mp-brexit-not-answer-uk> (consultado em 13/06/2016).

DUSSEL, Enrique (1995). *The Invention of the Americas*. New York: Continuum.

DUSSEL, Enrique (2008a) Anti-meditaciones cartesianas: sobre el origen del anti-discurso filosófico de la modernidad. In: *Tabula Rasa*, 9.

DUSSEL, Enrique (2008b). A New Age in the History of Philosophy: The World Dialogue Between Philosophical Traditions. In: *Prajñā Vihāra: Journal of Philosophy and Religion*, 9(1).

GROSGOUEL, Ramón (2007). The Epistemic Decolonial Turn: Beyond political-economy paradigms. In: *Cultural Studies*, 21(23).

GROSGOUEL, Ramón, OSO, Laura & CHRISTOU, Anastasia (2014). ‘Racism’, intersectionality and migration studies: framing some theoretical reflections, Identities. In: *Global Studies in Culture and Power*. <http://dx.doi.org/10.1080/1070289X.2014.950974> (consultado em 10/06/2016).

GUTIERREZ RODRIGUEZ, Encarnación (2008). Lost in Translation: Transcultural Translation and Decolonization of Knowledge. In: *Translate: On-line Journal for Cultural Theory and Cultural Studies* [online]. <http://eipcp.net/transversal/0608/gutierrez-rodriguez/en> (consultado em 20/04/2015).

HALL, Stuart (1992). The West and the Rest. In: HALL, S. & Gieben, B. (eds.). *Formations of Modernity*. London: Polity Press.

HALL, Stuart (1996). Who needs Identity? In: DU GAY, P. & HALL, S. (eds.). *Questions of cultural identity*. London: Sage.

HARAWAY, Donna (1988). Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. *Feminist Studies*. 14(3), pp. 575-599.

hooks, bell (1984). *Feminist theory from margin to center*. Boston, MA: South End Press.

LORDE, Audre (1984). *Sister Outsider*. Freedom, California: Crossing Press.

MASON, Rowena & SHERWOOD, Harriet (2016). Migrant spouses who fail English test may have to leave UK, says Cameron. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/uk-news/2016/jan/18/pm-migrant-spouses-who-fail-english-test-may-have-to-leave-uk> (consultado em 15/06/2016).

MASSEY, D. S., ARANGO, J., HUGO, F., KOUAOUCI, A., PELEGRINO, A. & TAYLOR, J. E. (1998). *Worlds in Motion: Understanding International Migration at the End of the Millennium*. Oxford: Clarendon Press.

MBEMBE, Achille (2001). *On the Postcolony*. Berkeley: University of California.

MIGNOLO, Walter (2000). *Local Histories/Global Designs: Essays on the Coloniality of Power, Subaltern Knowledges and Border Thinking*. Princeton: Princeton University Press.

PALMER, David (2012). Minding Histories: Exploring Early Experiences of Migration, Settlement and Wellbeing through Life Histories of Migrants Residing in the London Borough of Bexley. In: *Family & Community History*, 15(1).

QUIJANO, Aníbal (2000). Coloniality of Power, Ethnocentrism, and Latin America. In: *NEPANTLA*, vol. 1 (3).

SPIVAK, Gayatri Chakravorty (1988). Can the Subaltern Speak? In: Nelson, C. and Grossberg, L (Ed). *Marxism and the Interpretation of Culture*. London: Macmillan.

TATE, Shirley Anne (2005). *Black skins Black masks: Hybridity, dialogism, performativity*. Aldershot: Ashgate.

WARE, Vron (2014). *Military Migrants: Fighting for your country*. New York: Palgrave MacMillan.

<https://www.theguardian.com/uk/2008/apr/07/britishidentity.immigration>. (consultado em 13/06/2016).